

A CRISE DO EGO EM ALAIN TOURAINE: reflexões sobre o sujeito moderno e a crise da modernidade

THE EGO CRISIS IN ALAIN TOURAINE: reflections on the modern subject and the crisis of modernity

LA CRISIS DEL YO EN ALAIN TOURAINE: reflexiones sobre el sujeto moderno y la crisis de la modernidad

Emerson Carlos Silva Braga

Graduado em Ciências Humanas/Sociologia, da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, Centro de Ciências de São Bernardo - UFMA.

E-mail: emerson.braga@discente.ufma.br

Josenildo Campos Brussio

Pós-Doutor em Turismo, pelo PPGTUR (Programa de Pós-graduação em Turismo) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), sob a supervisão da professora Titular Maria Lúcia Bastos Alves. Doutor em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2012), Mestre em Educação pela Universidade Federal do Maranhão (2008), Bacharel em Direito pela Universidade Federal do Maranhão (2012) e Licenciado em Letras Português/Inglês e respectivas Literaturas pela Universidade Estadual do Maranhão (1998). Professor Associado II do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia do Centro de Ciências de São Bernardo, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE-UEMA), da Universidade Estadual do Maranhão. Professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLetras-UEMA), da Universidade Estadual do Maranhão. Professor colaborador do Curso de Turismo do Centro de Ciências de São Bernardo, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Meio Ambiente, Desenvolvimento e Cultura (GEPEMADEC) e coordenador da linha de pesquisa 1: "Imaginário, cultura e meio ambiente". Líder do LEI (Laboratório de Estudos do Imaginário) e coordenador da linha de pesquisa 1: "Imaginário, símbolos, mitos e práticas educativas". Participa da "REDE DE PESQUISA EM TURISMO RELIGIOSO NO NORDESTE BRASILEIRO". Membro da Société Internationale de Sociologie des Religions (SISR). Membro da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as.

E-mail: josenildo.brussio@ufma.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7721-9199>

Thiago Pereira Lima

Doutor em Políticas Públicas pelo Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas (Conceito 6), Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Mestre em Ciências Sociais, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, UFMA. Especialista em Meio Ambiente e Recursos Aquáticos pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Graduado em Geografia pela UFMA e em História pela UEMA. É professor Adjunto classe C, da Universidade Federal do Maranhão – Centro de Ciências de São Bernardo, do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas – Sociologia.

E-mail: tp.lima@ufma.br

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2571-905X>

Karine Martins Sobral

Doutora em Educação, na área de concentração Formação de professores pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professora de Fundamentos da educação no Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia na Universidade Federal do Maranhão (UFMA/Campus de São Bernardo). Pesquisadora do Instituto de estudos e pesquisas do movimento operário (IMO).

E-mail: karine.sobral@ufma.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5406-5318>

RESUMO

O estudo em foco consiste em uma reflexão sobre a destruição do ego do sujeito da modernidade em crise, a partir da proposta de Alain Touraine na obra *Crítica da Modernidade* (1998). Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de caráter descritivo e analítico, na qual utilizamos o capítulo *A destruição do ego* como ponto de partida para a construção teórica e reflexões sobre a condição do sujeito na modernidade sobre o viés de Karl Marx, Friedrich Nietzsche e Sigmund Freud, como apresenta Touraine (1998). A pesquisa apontou-nos as seguintes reflexões: em Marx, a desconstrução do ego do sujeito na modernidade e a conseqüente crise moderna, se deu, a partir de sua crítica a autonomia individual e aos mecanismos que o impulsionam em sua ação, que para o autor, se encontrava alienada do fundamento natural que faz o ser humano movimentar-se no percurso histórico. Em Nietzsche, a desconstrução se dá a partir de sua crítica extrema sobre a relação metafísica do ser humano e sua instância racional pautada na gramática e separada do corpo, inaugurada, segundo o autor, na filosofia platônica e que, tradicionalmente, se seguiu no Ocidente até à modernidade. Em Freud, a desconstrução do sujeito se dá a partir de seus estudos sobre duas instâncias que contribuíram para tal definição: aquela que ele expressa – consciente – frente a que auto se julga – pré-consciente –, sobretudo, a partir de sua análise sobre a sociedade capitalista que opôs o organismo humano e as formas de organização social.

Palavras-chave: Crise. Sujeito. Ego. Modernidade. Alain Touraine.

ABSTRACT

The study in focus consists of a reflection on the destruction of the ego of the subject of modernity in crisis, based on Alain Touraine's proposal in the work *Crítica da Modernidade* (1998). Methodologically, it is a bibliographical research, of a descriptive and analytical nature, in which we use the chapter *The destruction of the ego* as a starting point for the theoretical construction and reflections on the condition of the subject in modernity on the bias of Karl Marx, Friedrich Nietzsche and Sigmund Freud, as presented by Touraine (1998). The research showed us the following reflections: in Marx, the deconstruction of the subject's ego in modernity and the consequent modern crisis, took place, from his criticism of individual autonomy and the mechanisms that drive him in his action, which for the author, was alienated from the natural foundation that makes the human being move in the historical path. In Nietzsche, deconstruction takes place from his extreme criticism of the metaphysical relationship of the human being and his rational instance based on grammar and separated from the body, inaugurated, according to the author, in Platonic philosophy and which, traditionally, followed in the West until modernity. In Freud, the deconstruction of the subject takes place from his studies on two instances that contributed to such a definition: the one he expresses – conscious – in the face of what he judges himself to be – preconscious –, above all, from his analysis of the capitalist society that opposed the human organism and the forms of social organization.

Keywords: Crisis. Subject. Ego. Modernity. Alain Touraine.

RESUMEN

El estudio en foco consiste en una reflexión sobre la destrucción del yo del sujeto de la modernidad en crisis, a partir de la propuesta de Alain Touraine en la obra *Crítica da Modernidade* (1998). Metodológicamente, se trata de una investigación bibliográfica, de carácter descriptivo y analítico, en la que utilizamos el capítulo *La destrucción del yo como punto de partida para la construcción teórica y reflexiones sobre la condición del sujeto en la modernidad a partir del sesgo de Karl Marx, Friedrich Nietzsche y Sigmund Freud*, presentado por Touraine (1998). La investigación nos mostró las siguientes reflexiones: en Marx se produjo la deconstrucción del yo del sujeto en la modernidad y la consecuente crisis moderna, a partir de su crítica a la autonomía individual y a los mecanismos que lo impulsan en su acción, que para el autor era alienado del fundamento natural que hace avanzar al ser humano en el derrotero histórico. En Nietzsche, la deconstrucción se produce a partir de su crítica extrema a la relación metafísica del ser humano y su instancia racional basada en la gramática y separada del cuerpo, inaugurada, según el autor, en la filosofía platónica y que, tradicionalmente, siguió en Occidente. hasta la modernidad. En Freud, la deconstrucción del sujeto se da a partir de sus estudios sobre dos instancias que contribuyeron a tal definición: la que expresa -consciente- frente a lo que se juzga a sí mismo -preconsciente-, sobre todo, a partir de su análisis de la sociedad capitalista que oponía el organismo humano y las formas de organización social.

Palabras clave: Crisis. Sujeto. Ego. Modernidad. Alain Touraine.

INTRODUÇÃO

A modernidade nunca foi tema pacífico no campo acadêmico. Qualquer que seja a abordagem teórica ou epistemológica sobre o tema, há sempre contradições, conflitos e debates inesgotáveis sobre marcos conceituais (axiológicos e ontológicos), cronológicos (temporais), teóricos (epistemológicos) que dividem pensadores e intelectuais em suas diversas áreas do conhecimento.

Para dialogar sobre o tema, trouxemos para a arena do debate o sociólogo francês Alain Touraine, que possui uma obra dedicada à modernidade a partir de uma crítica sobre o sujeito. Touraine nasceu em 03 de agosto, no ano de 1925 e conta hoje com 96 anos de idade. Como sociólogo, trouxe grandes contribuições no campo das relações e da prática do trabalho e dos movimentos sociais. Seu trabalho se baseia principalmente na abordagem dos movimentos sociais a partir de sua investigação sobre o universo sociológico da ação e do movimento do ser humano.

Alain Touraine (1998) denomina de crise da modernidade o momento em que os postulados epistemológicos desenvolvidos por ela entram em choque com ela mesma, uma modernidade que, segundo ele, se decompõe, sob “o esgotamento do movimento inicial de libertação e a perda de sentido de uma cultura que se sentia enclausurada na técnica e na ação

instrumental”, continua, “porque colocava em questão, não as carências da modernidade, mas seus próprios objetivos positivos” (TOURAINÉ, 1998).

Em outras palavras, é a identidade que está sob jugo, a crença autocentrada se abala quando ocorre o desgaste da energia que a alimenta pois, “a secularização e o desencantamento do mundo, a separação entre o mundo dos fenômenos, no qual se exerce a ação técnica, e o mundo do Ser, que não entra em nossa vida a não ser pelo dever moral e a experiência estética” (TOURAINÉ, 1998, p. 101) estão baseadas em uma falsa consciência que cria necessidades para que seus sujeitos se afirmem, e no decorrer dessa transição de mudança de consciência, um sentimento de crise se instala no sujeito que passa a não agir a partir dessa energia, mas da relação de sujeição que, em primeiro plano, pode se observar no espectro dos indivíduos consumidores e competidores que não agem sob um *dever*, todavia estão enclausurados na verdade da técnica e na metafísica do indivíduo moderno.

Conceitualmente, o que Alain Touraine chama de sujeito é o resultado da relação entre indivíduo e sua falsa consciência que o impulsiona a se sujeitar a fim de satisfazer suas falsas necessidades. Necessidades criadas por uma racionalidade objetiva e técnica, da modernidade, conforme Touraine (1998).

Portanto, não nos desdobremos em apresentar um modelo ideal de “não crise” em resposta a problematização levantada pela afirmação de haver uma subjetividade em crise. Faremos uma abordagem sobre como os diversos autores, discutidos por Alain Touraine (1998), dialogam com o conceito de sujeito da modernidade, com destaque para Marx, Nietzsche e Freud.

Sabemos da tarefa utópica que seria, em um artigo, dar conta das concepções de sujeito na modernidade em Marx, Nietzsche e Freud. Nem os maiores intérpretes destes três pensadores afirmam ter dado conta de tal tarefa. A nossa intenção é apenas refletir sobre um ponto de intersecção apontado por Alain Touraine: uma possível deglutição do sujeito moderno, consequência das dinâmicas da modernidade às quais o sociólogo denomina “a destruição do ego”.

Assim, o presente artigo, metodologicamente, fundamentou-se em uma pesquisa bibliográfica, de caráter descritivo-analítico, na qual utilizamos o capítulo “A destruição do ego” da obra *A Crise da Modernidade* de Alain Touraine como ponto de partida para a

construção teórica e algumas reflexões sobre a condição do sujeito na modernidade sobre o viés de Karl Marx, Friedrich Nietzsche e Sigmund Freud, como apresenta Touraine (1998).

Talvez, o leitor sinta necessidade de um mergulho mais profundo e ampliado na discussão e debate sobre a presença da voz dos próprios pensadores (Marx, Nietzsche e Freud) nas seções desse artigo, mas esse não foi o objetivo central da proposta. Apresentamos a interpretação de Alain Touraine sobre esses autores no que tange ao tema do sujeito da modernidade.

Desta forma, o artigo se encontra dividido em três seções que dialogam com as teses de Touraine sobre a destruição do sujeito na modernidade a partir dos três pensadores apontados: iniciamos com uma abordagem sobre a destruição do ego para Karl Marx, em seguida, a destruição do ego para Nietzsche, e por fim, a destruição do ego na concepção de Freud.

KARL MARX E A DESTRUIÇÃO DO SUJEITO

Durante o período da modernidade, época em que a ciência se afirmava como um paradigma hegemônico de conhecimento válido, tanto no campo intelectual como no campo da produção material, o ocidente se movimentava, dentre outras coisas, sob a dinâmica da premissa evolucionista. Um dos reflexos era a construção de projeções, como as do campo de produção racional e industrial. Ou seja, previa-se a possibilidade de avanço constante, com a finalidade de “evoluir” como sociedade.

O intelecto construiu variados métodos para justificar diversos fins. As dinâmicas sociais, associadas e justificadas sob vieses das produções teóricas, ficavam à mercê da racionalidade moderna que, somando-se a crença de um caráter imutável, derivativo da epistemologia antiga - ideia de verdade - servia de escopo para fundamentar inúmeras destas teses, construir inúmeros modelos de relações humanas que, direta ou indiretamente, enquadrava o ser humano dentro de um modelo tido como o “ideal” a ser alcançado.

Neste sentido, segundo Touraine (1998), grande parte dos intelectuais – influenciados pela episteme moderna – observavam e debatiam perspectivas futuras, alocando forças naturais à lógica do progresso e do capital. Mas, segundo Touraine, essa lógica não funcionava em Marx, que mesmo influenciado pela ótica evolutiva, não condicionava tal

movimento à mesma lógica. Pelo contrário, para Marx, este era inclusive, um dos principais motivos que segregava os seres humanos, pois para que o capital avançasse, era necessário que ele, o humano, alienasse sua consciência e, por conseguinte, seu engajamento coletivo e sua força de trabalho. Eis aí, o sujeito que Marx buscava desconstruir.

Durante o século XVIII, esse mesmo “ideal” - fruto das bases epistemológicas do Renascimento e do Iluminismo - transmuta com Hegel, para o idealismo dialético no início do século XIX. Tal idealismo, segundo Touraine, é rompido a partir dos escritos de Marx, sobretudo, a partir do materialismo histórico-dialético, ou seja, trata-se de uma inversão de conteúdo, onde o absoluto – ou espírito -, é substituído pelo transitório-temporal. Transitório este, que derivaria a partir das lutas de classe, das produções materiais, fruto do trabalho do proletário. Temos aí a base da contribuição do pensamento marxista para a modernidade.

Resumidamente, segundo a ótica de Touraine, para Marx, não se trata de uma consciência absoluta fixa, alcançada pelo movimento de um indivíduo que progrediu e/ou evoluiu, pelo contrário, tal consciência, seria fruto de um coletivo que atingiu sua plenitude através da realização do trabalho e da produção material. Portanto, exclui-se, o caráter metafísico pelo temporal/material, no qual a consciência do sujeito não é nada, senão um componente de uma corrente que, coletivamente responde às aspirações naturais. Esses pressupostos teóricos são necessários para a compreensão do sujeito na transição do século XVIII para o século XIX, conforme a concepção de Marx apresentada por Alain Touraine (1998).

Marx dialoga com o pensamento de sua época, contemporânea da ciência positivista, que entende o progresso como movimento evolutivo da espécie humana. Este configura um marcador importante na compreensão da episteme moderna, que Marx utiliza para perceber que necessidade e lucro – espírito e tempo -, estão em oposição e, como seu reflexo, cria-se uma falsa consciência¹, orquestrada pela burguesia capitalista que, na ânsia por obtenção de lucro, cria falsas necessidades, diretamente ligadas ao consumo que, consequentemente, fortaleceu a ideia de um sujeito autônomo, quando na verdade essa falsa

¹ Na obra *A Ideologia Alemã*, Marx e Engels introduzem o conceito de ideologia afirmando que “Até agora, os homens sempre tiveram ideias falsas a respeito de si mesmos, daquilo que são ou deveriam ser” (MARX e ENGELS, 2001, p. 3).

consciência é a própria noção de ideologia para Marx, a qual o sujeito vê-se aprisionado (TOURAINÉ, 1998).

É possível perceber a influência positivista no imaginário moderno. A burguesia utilizava-se dessa fonte para fundamentar a dinâmica do progresso que, em primeiro plano, se daria a partir da evolução material, onde o sujeito para se perceber “evoluído” deveria acumular, para que pudesse ser demonstrado que finalmente evoluiu. É a dinâmica do mito do desenvolvimento² como única possibilidade de evolução do homem.

Segundo a ótica de Touraine, Marx entende o sujeito como resultado de um imaginário hegemônico, onde as relações de produção seriam o marcador da divisão das classes, sendo que, tal divisão, se daria a partir das lutas entre tais classes para determinar o executor do trabalho e/ou da produção material, a partir da ótica do “vencedor”. Notoriamente, podemos ver que se trata de uma relação de poder que uma classe exerce sobre a outra e que geraria o imaginário resultante, ou seja, a normatização da alienação de consciência. Logo, seria impossível para um sujeito, ainda que existisse, evoluir enquanto permanecesse submisso ao poder exercido pela burguesia, sua energia ficaria aprisionada. Tal evolução só poderia ocorrer ao nível do coletivo, da luta de classes. Daí a proposta de evolução e vitória para Marx que só se efetivaria através da Revolução.

Já citamos o conceito de energia, apresentado por Touraine. Energia esta, que para Marx não se produz pelo acúmulo de capital, mas sim, por forças naturais e, por conseguinte, seu reflexo através do materialismo histórico. Grandes pensadores, antes e depois de Touraine, bem como de Marx, também abordaram esse conceito. Cada um à sua maneira sem dúvida, mas, com similar sentido.

Em Nietzsche – que veremos mais adiante -, por exemplo, foi apresentada como, Vontade de Potência. Em Einstein (2001), a partir da fórmula, $E=m.c^2$, ou seja, uma massa - entende-se, coletivo - quando multiplicada por uma aceleração - entende-se movimento - produz energia - entende-se revolução. Não queremos afirmar, com isso, que Marx se inspira em Einstein, mesmo porque, o pensamento de Marx é anterior ao de Einstein. Talvez o contrário seja verdade, pois é sabido que Einstein era simpatizante do socialismo, como ele mesmo

² FURTADO, Celso, O Mito do Desenvolvimento Econômico, 1974.

declarou em seu artigo *Por que o Socialismo*, onde afirma que o sistema capitalista estimularia a erosão da criatividade humana (1949).

Além do mais, esse pensador não aplica o conceito de energia como um meio para justificar um fim, esta é aplicada a um *Vetor* - leia-se motivo - para representar uma direção. Em Nietzsche, da mesma forma (pois era muito jovem em relação a Marx) e como sabemos foi extremamente crítico a ideia de *Verdade* e, por conseguinte, não vislumbra o findar do movimento, do *Devir*.

Tal energia também aparece no conceito de *Força*, em Newton, como elemento que não se finda, se propaga no espaço, tendendo-se ao infinito. Faz-se necessário tais apontamentos para não confundir nosso leitor, pois nosso objetivo é apenas lançar luz ao conceito de energia, somente. Tais ditos, somados aos citados no início, estão contidos no escopo das ciências modernas, pós-modernas, mas, obviamente, não diretamente nas Ciências Humanas em formato matemático – frise-se que a história do conhecimento em grande parte, caminhou vinculada à matemática - exatificando padrões humanos.

Portanto, Marx desconstrói a ideia de sujeito a partir da impossibilidade deste em se movimentar livremente e revolucionar-se, pois, de forma individual, está submetido aos ideais burgueses, impedido de compor uma direção coletiva autônoma, rumo à sociedade comunista. Tal vetor se daria a partir da Revolução do Proletariado.

A partir dos escritos de Touraine, lançaremos o método de Marx para entender, primeiramente, o movimento de revolução, em seguida, o conceito de Socialismo Científico e por fim, o conceito de Comunismo. Segundo Touraine, Marx parte em seus estudos de seu engajamento orientado pela crítica da crescente proletarianização dos modos de produção. A força produtiva é percebida por Marx em uma espécie de “cativeiro”, onde a possibilidade de produção às necessidades naturais é submetida ao lucro da burguesia. Seus estudos o levaram a receber enormes críticas da esquerda utópica³ que se fixava no direito individual do sujeito.

Para Marx, não cabe olhar para o sujeito e sim para a classe trabalhadora. Marx busca entender as leis que governam a economia (...) a vida social nada mais é do que a luta entre o valor de uso e valor de troca, das forças de produção contra as leis sociais de produção (TOURAINÉ, 1998).

³ MARX e ANGELS, O manifesto Comunista, 1999

Para Marx, o movimento humano se daria a partir do resultado da luta entre as forças sociais, ou classes sociais. Sendo assim, o trabalho seria o elemento fundamental para entender as lutas. Vale lembrar que na antiguidade o trabalho não era exercido pela classe dominante, pelo contrário, chegou inclusive, a ser considerado como instrumento de tortura aos vencidos nas guerras, somando o conjunto de escravos daquelas sociedades.

Com o passar do tempo, a escravidão como força de trabalho na antiguidade, foi-se transmutando para o trabalho servil (Idade Média), chegando ao período moderno - devido ao surgimento das grandes fábricas têxteis - como trabalho fabril, onde o proletariado – termo cunhado por K. Marx em suas análises sobre o desenvolvimento das forças produtivas em O Capital - teria sua força de trabalho intermediada pela máquina (Idade Moderna).

É nesse momento que Marx, envolvido pela influência hegeliana e afastado da ala mais à esquerda - Socialismo Utópico escreve o Capital concentrando seus estudos se lança a concentrar seus estudos em uma enorme crítica nos modelos de relações de produção enclausurados pelo viés hegemônico do capitalismo burguês.

Suas análises, aplicadas ao método dialético, entendem o movimento proletário caminhando para a revolução e tomada dos meios de produção, rumando à uma sociedade comunista. A energia criadora, que move os indivíduos e que até então estava presa sob uma cultura dominante, se libertaria da opressão vinda da tomada de consciência do proletariado em relação à exploração de sua mão de obra para enriquecimento da burguesia – a mais valia.

Ao contrário da sociedade capitalista em que cada indivíduo tem uma esfera de atividade exclusiva e determinada, que lhe é imposta e da qual ele não pode fugir – o sujeito é caçador, pescador, pastor ou crítico, e deverá permanecer assim se não quiser perder seus meios de sobrevivência - na *sociedade comunista*, cada um não tem uma esfera de atividade exclusiva, mas pode se aperfeiçoar no ramo que lhe agrada, a sociedade regulamenta a produção geral, o que cria para o sujeito a possibilidade de hoje fazer uma coisa, amanhã outra, caçar de manhã, pescar na parte da tarde, cuidar do gado ao anoitecer, fazer crítica após as refeições, a meu bel-prazer, sem nunca me tornar caçador, pescador ou crítico.

É justamente essa contradição entre o interesse particular e o interesse coletivo que leva o interesse coletivo a tomar, na qualidade de Estado, uma forma independente, separada dos interesses reais do indivíduo e do conjunto e a fazer ao mesmo tempo às vezes de comunidade ilusória. O combate prático desses interesses particulares, que constantemente se

chocam realmente com os interesses coletivos e ilusoriamente coletivos, torna necessária a intervenção prática e o refreamento por meio do interesse "universal" ilusório sob forma de Estado.

Esta "alienação" - para que a nossa exposição seja compreendida, naturalmente, só pode ser superada sob duas condições práticas: I - é necessário que ela tenha feito da massa da humanidade uma massa totalmente "privada de propriedade"; II - que se desenrole no plano da história mundial e não no plano da vida local. Para Marx e Engels o comunismo não é nem um estado a ser criado, nem um *ideal* pelo qual a realidade deverá se guiar. “Chamamos de comunismo o movimento *real* que supera o estado atual de coisas. As condições desse movimento resultam das premissas atualmente existentes” (MARX e ENGELS, 2001, p. 30).

Por fim, a concepção de sujeito em Marx, na visão de Alain Touraine, demonstra o quanto o indivíduo não é autônomo, nem livre, mas sim alienado, visto que tem constantemente uma falsa consciência do real, fenômeno que Marx denomina de ideologia, peça fundamental no processo de alienação social.

NIETZSCHE, A VONTADE DE PODER E A DESTRUIÇÃO DO SUJEITO

Construímos até aqui, alinhados a ótica de Touraine, parte da episteme moderna que, além de outras pretensões, pautava seu movimento na busca de um ideal social sob perspectiva, tanto evolucionista – ideia de progresso – e cartesiana, quanto de um princípio de verdade – *dogmatismo*⁴. A marca comum da metafísica ocidental, segundo Nietzsche, é sua natureza dogmática. Por dogmatismo, ele entende a postulação de um âmbito transcendente à experiência, tendo o contexto econômico como força motriz no escopo das relações humanas: “[...] o pior, mais duradouro e perigoso de todos os erros até então foi um erro dogmático, ou seja, a invenção platônica do espírito puro e do bem em si” (ITAPARICA, 2011, p. 02).

Em Nietzsche, segundo Touraine (1998), tais pressupostos foram sistematicamente combatidos, sobretudo o dogmatismo, fazendo uma espécie de cisão tão marcante e profunda

⁴ Na Antiguidade, o dogmatismo nascia da transposição da realidade para um mundo transcendente e inteligível; na Modernidade, essa cisão estaria presente no interior da própria razão, e o dogmatismo estaria representado pelo conceito basilar de subjetividade, que recebe, a partir de Descartes, o estatuto de um princípio para todo conhecimento. (ITAPARICA, André Luiz Mota, Subjetividade em Nietzsche, p. 61)

que esse autor abriria espaço, inclusive, para o derretimento de um modelo de pensamento que durara milênios e que fundamenta, associado ao cartesianismo, o sujeito moderno.

A ideia de Verdade, inaugurada por Sócrates e apresentada nos escritos de Platão - derivativa do Ser, de Parmênides, teria sido, segundo Nietzsche (apud TOURAINE, 1998), a base unilateral de interpretação do mundo ocidental, que para ele, enclausurou a possibilidade de expansão do ser humano e, por conseguinte, “o fim da metafísica definida como a procura da correspondência, da unidade entre o ser e o pensamento” (TOURAINE, 1998, p. 117).

No período do Renascimento, movimentos como o do Humanismo e o Cartesianismo de Descartes, são apontados por Nietzsche como outro ponto de complemento para fundamentar o surgimento do sujeito moderno, pautado na ação do *Eu*. E esse (...) suposto Sujeito pensante cartesiano, que funda toda certeza na certeza de si, encontra-se habitado, não por uma força racional e livre, mas por forças irracionais, inconscientes. (JUNIOR, 2013, p. 108).

Nietzsche buscou sistematicamente uma filosofia que, entre outras coisas, tinha como eixo principal entender a dinâmica da vida, entendida como um *Devir* – conceito de Heráclito - e para tanto, de tal conceito, derivou o conceito de *Vontade de Poder*, sendo este último, a principal noção que o guiará para seus trabalhos. Em *Zaratustra* foi trazida a máxima: “onde encontrei vida, ali encontrei vontade de potência” (NIETZSCHE, 2003, p. 145).

Seu método, popularmente conhecido como martelo⁵, buscava destruir tudo que até então se constituía como tradição, tanto em termos históricos quanto filosóficos e, inclusive, a própria arte. Para Nietzsche, toda a história do conhecimento ocidental se baseara em uma única interpretação de mundo como dito, e para ele, nada poderia se aproveitar. Obviamente que esta é sua tática na apresentação de seu extremo método crítico.

Nascido em berço de uma tradição de pastores, Nietzsche esboçou um início de movimento direcionado à vida cristã, mas, ainda criança, recebera certos estímulos que mais tarde o levariam a questionar duramente sua tradição e, conseqüentemente, o rompimento da crença em Deus e condução de parte da sua obra na perseguição da moral cristã. A morte do pai e do irmão conduziu esse pensador a diversos questionamentos a respeito de Deus e suas doutrinas que a cultura cristã tinha como norma social.

⁵ NIETZSCHE, Friedrich, *Crepúsculo dos Ídolos*, Vozes, 2014.

Faz-se necessário pontuar, as influências de alguns pensadores em sua trajetória como Otto Jahn, inventor do método genealógico de análise textual, o filósofo e ateu, Arthur Schopenhauer, além do compositor Richard Wagner por sua grande influência cultural. Nietzsche era filólogo, investigava a origem dos códigos, dos conceitos, da própria linguagem.

Trouxemos até aqui o embate de forças opostas, ou seja, a necessidade natural de um lado e a busca de lucro por outro, isto é, *devoir* versus *verdade*. Em Nietzsche, além de explicitar com veemência tais contrários, este foi ainda além: “a transposição de valores (*Umwertung*) que ele anuncia substitui à ordem racional do mundo pela exaltação da vontade, da paixão” (TOURAINÉ, 1998, p. 117).

Esmiuçou em suas críticas parte do escopo do pensamento que direcionara o ser humano para o afastamento da própria vida, do *devoir*, que para ele, seria, tanto o caráter do dogmatismo quanto o fundamento moral. Tal fundamento, alinhado ao princípio histórico ocidental e o pensamento cristão, impediu a possibilidade de expansão do ser humano, pois esse pressuposto os enfraquecera e exaltou o fraco, o que não desabrocha sua total capacidade.

Parte da explicação pode ser entendida a partir de sua crítica a própria linguagem e sua relação metafísica com a tradição Ocidental: “o mundo objetivo da consciência tende a configurar-se progressivamente como mundo da consciência compartilhada, produto da sociedade através dos condicionamentos impostos pela linguagem” (JUNIOR, 2013, p. 106), corrompendo a ordem natural.

Assim, segundo Touraine (1998), Nietzsche buscou desconstruir o sujeito a partir de sua análise sobre a história do conhecimento, que direcionou o ser humano para a verdade na palavra e não na vida. Sendo a palavra “verdadeira”, derivativo da filosofia socrático platônica e que o cristianismo teria feito sua tradução para o Ocidente.

Seguindo a ótica em que Nietzsche apresenta o deslocamento do ser humano da dinâmica da vida, este apresentou três aspectos de um conceito que revela com mais clareza esse movimento, o *Nilismo*⁶. No primeiro aspecto é apresentado o *niilismo* negativo, onde o ser humano nega a vida em nome de uma suposta outra vida e, com a chegada da modernidade, a ciência “mata” tal possibilidade: “Deus está morto, Deus permanece morto! E fomos nós que

⁶ “Em 1888, Nietzsche (1844-1900) já havia sinalizado um estado de crise, representando uma ‘crise dos sentidos’ ao que denominou de ‘niilismo’.” (SANTOS e SILVA, 2014).

o matamos. Como nos consolar, nós, os assassinos dos assassinos?” (TOURAINÉ, 1998, p. 116).

Podemos notar o esfacelamento de um modelo de conduta pautada na verdade anunciada nos escritos cristãos e, portanto, desvinculado da *vontade de poder*, do *dever*. A ciência moderna, algo do princípio cristão e substituta da necessidade transcendente, segundo Nietzsche, conduz ao segundo aspecto niilista que é o reativo, ou seja, a reação à crença na palavra de Deus e sua transferência para o cientista.

Seria a troca do rito pelo método, retirando o ser humano do tempo e instante da vida, do *dever* e projetando-o para pensamento no futuro produzindo o terceiro tipo de *niilismo*, que seria a transposição do ser humano do *aqui* e do *agora* para o pensamento, pautando a perda da percepção das sensações tal como são e transferindo-as para a ideia, para o conceito, para a linguagem gramatical. Eis o foco que Nietzsche combate, a própria racionalidade histórica e com ela, o sujeito que nela se constituiu (TOURAINÉ, 1998).

O sujeito apresentado por Nietzsche atua sujeitoado nas relações materiais, no utilitarismo, que segundo o autor “há relações materiais das quais todo o elemento moral está ausente e que são as da própria vida e das relações entre espécies e indivíduos” (TOURAINÉ, 1998, p. 117).

Uma das grandes observações de Touraine (1998) gira em torno da oposição de forças que Nietzsche apresenta, pois se observarmos criticamente os padrões reais que se apresentam sob cada indivíduo – na modernidade por exemplo -, quem seria o forte?, questiona Touraine e aprofunda as suas indagações afirmando que o dono da fábrica que observa o labor servil ou o proletário que durante dez, doze e até quatorze horas sem intervalo, e sob condições extremamente insalubres, que tece pilhas e pilhas de tecido, cava centenas de metros de solo na extração de carvão, ergue os salões, torres e tantas outras edificações na nova Europa? O quanto dessa energia o capitalista moderno detém? Poderia ele encabeçar batalhas nos tempos de Alexandre ou na defesa de Constantinopla contra o exército Otomano? Talvez. O moderno proletário sempre esteve lá, seja na figura de um fiel soldado ou de um camponês que de sol a sol produzia grandes porções de alimento.

A moral cristã inverteu os polos da energia humana entre seus membros e tal inversão, emergiu uma falácia moral, de onde o pensamento hegemônico criou narrativas que atrofiaram a dinâmica natural da vida, e onde “o mundo objetivo da consciência tende a

configurar-se progressivamente como mundo da consciência compartilhada, produto da sociedade através dos condicionamentos impostos pela linguagem” (JUNIOR, 2013, p. 106 e 107).

O EGO FREUDIANO E O SUJEITO MODERNO

Ao propor nossa análise à crítica moderna, sob a perspectiva de Touraine (1998), vimos que este define Freud como o crítico mais incisivo dentre os pensadores citados em sua obra sobre a destruição da noção de sujeito na modernidade. Para ele, o pensamento de Freud (...) “é o ataque mais sistemático já dirigido contra a ideologia da modernidade. Ele substitui a unidade do ator e do sistema, da racionalidade do mundo técnico e da moralidade pessoal, pela ruptura entre o indivíduo e o social” (...) (TOURAINÉ, 1998, p. 126).

Touraine (1998) afirma que Freud proclama sua luta contra a consciência e o Ego, isto é, a psicanálise se recusa a considerar a consciência como formando a própria essência da vida. O conceito de *pulsões*, que Freud inaugura, consiste exatamente na libertação das forças naturais que a tradição ocidental buscava reprimir. Hobbes (2003) quando pensou a formulação de um Estado, já o definia em sua obra, inclusive, como interventor ante os “perigos” que o homem de natureza livre seria para a sociedade. Segundo este, tal estado representa permanência de guerra, violência e insegurança, e para tanto, o Estado seria o mediador, o elemento responsável que racionalmente, garantiria a paz em sociedade. Eis o Contrato Social hobbesiano, que dentre tantas formulações, delegava ao Estado o monopólio da violência, e, ratificado pela lei, a aplicaria a todo aquele que agir sob sua vontade, quando esta ultrapassa a segurança do outro.

Obviamente que esse Estado não contemplava as particularidades indissociáveis do organismo humano, “[...] mundos tão completamente opostos que é impossível imaginá-los juntos [...]” (TOURAINÉ, 1998, p. 126). Vemos em Freud, então, a clareza dos opostos que a modernidade proclama - e sobre a qual Touraine tece sua crítica -, embora compartilhe à premissa de Hobbes no que tange as *pulsões de morte*, “[...] o estado natural é o da guerra de todos contra todos, e a organização da vida social, longe de se apoiar nas tendências naturais do homem, devem estar em ruptura com elas [...]” (TOURAINÉ, 1998, p. 127). De um lado, a racionalidade histórica, embrenhada entre outras, no mundo ordenado da ciência, do cálculo e

da economia capitalista. Do outro, a unidade biológica do ser humano de onde partem suas *pulsões* reprimidas sobretudo pelo mundo normativo.

Freud (apud TOURAINE, 1998) parte de uma análise genealógica da mente humana, e como tal se orienta, inicialmente, da relação entre a esfera biológica e a parte da mente humana que chama de inconsciente. Daí surgiriam as *pulsões*, sob seu período mais primitivo, despossuídas de limites conceituais, de símbolos e de hermenêutica, seria então, *pulsões de vida*. Natureza pura e instintiva que ao navegar pelo ambiente histórico constrói seu metafórico conjunto simbólico, produzindo cultura e, por conseguinte, também as *pulsões de morte*.

Em seu domínio primitivo, “o ser humano é habitado por instintos que criam necessidades, isto é, tensões, que o organismo procura satisfazer para voltar a um estado de equilíbrio. O prazer é a satisfação do desejo, o relaxamento da tensão que ele criou” (TOURAINE, 1998, p. 127). Aqui reparamos uma característica dialética que parte da energia instintiva do organismo humano e seu movimento no tempo e no espaço em busca de satisfazer seus inúmeros desejos ou, nas palavras de Freud, da *libido*.

O conceito de libido é muito caro a teoria da psicanálise. Para Freud, entende-se como movimento que busca manter a vida, fundamentado pelo alcance do prazer para alcançar repouso, sendo este, constantemente perturbado por mais estímulo. Ciclo constante “essa visão significa que o organismo tende a redução das tensões, portanto à inércia” (TOURAINE, 1998, p. 127). Aparentemente – em cada contexto - vemos as similaridades entre os três autores que este trabalho discute. A *energia* em Marx, o *devenir* em Nietzsche e as *pulsões* de Freud. Ambas como impulso da vida humana que ao mesmo tempo em que busca conforto é empurrada a expandir, tendo no mundo social, os mecanismos que a rejeitam. A vida busca por expansão e no campo psíquico, ao mesmo tempo em que cria possibilidades de movimento contínuo estabelece limites, para os quais, Freud vê os sintomas que desencadeiam as *neuroses*.

Ao seguir essa genealogia, a mente humana passa a reconhecer o mundo que a cerca, contribuição direta de outra faculdade psíquica, a da memória. Neste sentido, a dinâmica do organismo humano com a relação ao produto psíquico, encontra na memória elementos que percebeu como barreiras à sua expansão e passa a criar desvios para garantir sua conservação e estado de repouso, até encontrar no ambiente sua principal variante, o outro.

A noção de *espírito* de Hegel já apontava para esse par de opostos, mas, diferentemente de Freud, aquele calcava sua ideia na metafísica do ser. O choque entre este e aquele estabeleceria as bases da construção do mundo social e, por conseguinte, o *Ego* e o *Superego*, empurrando a natureza primitiva para ambiente psíquico que Freud chamara de inconsciente ou, *Id*. Seguindo a genealogia, em um ambiente habitado por estes e aqueles, o organismo humano seguirá sua evolução, e como parte inerente desta, buscará sua adaptação que, em se tratando de um mundo social, assumirá papéis que o distanciarão cada vez mais de sua origem, acumulando *neuroses*.

Como parte de seus estudos, Freud também se preocupa com o caráter destrutivo do ser humano, pois se a vida expande para mais vida – *tensão de vida* –, é a partir da relação com o outro que tal expansão encontra-se ameaçada, e conseqüentemente, dá-se os seus limites, inclinando Freud à raiz das relações destrutivas.

Freud testemunhou a primeira grande guerra, foi contemporâneo aos efeitos da revolução francesa, e, como é sabido, esta deixou marcas violentas na França, mas, certamente, “o pensamento de Freud não cessou de se radicalizar, sobretudo depois da experiência dramática da guerra mundial e de suas destruições, até conceder uma importância extrema à agressividade e ao instinto de morte” (TOURAINÉ, 1998, p. 127).

Portanto, Freud também analisou o comportamento humano a partir de seus desdobramentos violentos, e nesse ponto, avançou nas questões que visavam entender tais impulsos. Touraine (1998) pontua o alinhamento de Freud a Hobbes no que tange as *pulsões* humanas à violência e, a partir do movimento humano que tende a responder a tais pulsões, tanto de vida quanto de morte, é que Freud nos traz a ideia de dois princípios que se chocam na esfera social, ou seja, princípio de prazer versus o princípio de realidade.

A alegoria destes princípios que colocam em oposição, natureza e sociedade, descartam completamente a subjetividade, a intencionalidade das condutas. Frente ao prazer está a lei, ambos igualmente exteriores à consciência. (TOURAINÉ, 1998, p. 128). Freud desconstrói o sujeito a partir de duas instâncias que contribuem em sua definição, aquela que ele expressa – leia-se consciente – frente a que auto se julga – leia-se pré-consciente –, inclusive, a partir de sua análise à sociedade capitalista.

Touraine (1998), ainda que reconheça a pertinência do pensamento de Freud, utiliza-o para fazer sua crítica ao pensador, pois, ainda que este tenha reconhecido a associação

entre o modelo aquisitivo desta forma de sociedade com as instâncias psíquicas, quando cita o caráter de ruptura com a economia, diz que “essa primeira imagem do pensamento freudiano, que deverá ser criticada, tem contudo o mérito de descobrir aí uma interpretação, em termos de vida psíquica que não é apenas uma sociedade de aquisição (*acquisitive society*), mas sobretudo o lugar da ruptura, entre a economia e as formas de organização social” (Touraine, 1998, p. 128).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar sobre consciência consiste em tarefa demasiadamente delicada, sobretudo por se tratar de um conceito tão amplo, tão debatido, para não falar do aspecto multifacetário que opôs grandes pensadores desde seu surgimento. Da antiguidade a contemporaneidade, a ideia de uma instância psicológica autônoma, com a impressão de estar separada do ente biológico humano e toda sua demanda de instintos que visam em parte adequar necessidades, afirmada pela normatização intelectual de cada época, seguiu derivações amplas, mas sempre mantendo o eixo permanente no que tange o campo de relação metafísica com a linguagem embasada pelo caráter dogmático.

Essa ferramenta que podemos entender por fundamental para a criação de toda estrutura intelectual e epistemológica no curso histórico e, por conseguinte, a organização do mundo social, não poderia passar despercebida àqueles que buscam minimamente entender os diversos fluxos sociais que atravessaram as diversas gerações que esse mundo já testemunhou. Portanto, quando pensamos em iniciar nosso olhar diante da obra de Touraine (1998) em face ao capítulo “A destruição do ego”, partimos, exatamente, desta mesma premissa instigante, para não dizer obrigatória, sobretudo por estarmos inseridos em um universo de postulantes docentes que terão a missão de contribuir na formação de pessoas, que ao nosso olhar, são as verdadeiras riquezas que compõem a esfera social.

Diante de tal horizonte, interrogar o conceito, consciência - ainda que sem a pretensão de trazer respostas concretas - tem a finalidade de, em primeiro plano, alçar provocações aos leitores e quiçá, enriquecer mais o conteúdo intelectual deste pretendente docente que, em algum momento, estará diante da tarefa que almeja.

Em nossa primeira tarefa sob o olhar de Touraine (1998), ao abordar a noção de sujeito em Marx e a forma que este buscou desconstruir tal noção, notamos sua abordagem tanto em termos de crítica a autonomia individual, quanto sua crítica aos mecanismos que o impulsionam em sua ação, além, claro, do fundamento natural que o faz movimentar-se no percurso histórico.

Marx entende o movimento humano a partir de uma energia que o impulsiona no mundo, energia esta que, sob o escopo das relações permeadas no elo de poder que moldam o universo das relações, especialmente as relações de trabalho que asseguram a divisão das sociedades em classes sociais privilegiando assim, os donos do capital, cuja ocupação na sociedade é a de comando em detrimento dos donos da força de trabalho, intelectual ou manual, cuja ocupação na sociedade é a de subordinação.

No âmbito da produção material é onde Marx identifica tais fenômenos com mais clareza: o materialismo histórico é o processo que traz luz a essa dinâmica, exemplificando tanto o caráter de sujeição, quanto a alienação da energia contida no organismo humano. Ora, o ser humano não é algo inerte, assim como qualquer outra espécie, necessita movimentar-se a fim de possibilitar, entre outras coisas, sua própria continuidade. Sendo assim, ao alienar sua força natural, o ser humano permanece preso e impossibilitado de criar associações que possam contribuir para criação de uma sociedade que promove harmonia a todos os seus membros.

Com a construção da sociedade capitalista e a base epistemológica da modernidade, Marx, atravessado por tais preceitos, constrói sua crítica a ideia de sujeito autônomo – promessa capitalista estimulada pela tradição da época -, que por si só, seguirá o curso evolutivo a partir do acúmulo material que o consumo estimulado pelo capitalismo promete. Passados dois séculos, percebemos como o pensamento de Marx é assertivo no que diz respeito a essa premissa evolutiva pautada no consumo e na acumulação material, haja vista a crescente desigualdade social que vem marcando as diversas sociedades pós-modernas, sobretudo, quando abraçadas pela globalização.

O geógrafo Milton Santos (2006), assim como tantos outros intelectuais contemporâneos, apontou este cenário. O que vemos diante de nós, nada mais é do que dezenas de milhares de pessoas sujeitadas a miséria, impossibilitadas de expressar sua energia, tanto para si, quanto para o interesse de sua classe. Não vemos, portanto, sujeitos autônomos e sim, uma multidão de pessoas marginalizadas pela sua condição de miséria.

A tese da criação de uma sociedade comunista seria, para Marx, resultado de sua própria percepção de marginalidade social e alienação da sua racionalidade, que para o pensador, poderia ser facultada pela denúncia partida dos intelectuais sobre a lógica capitalista da época que traria o estímulo necessário a viabilizar associações para as classes subalternas. Se observarmos os dias atuais, percebemos que essa ideia não se concretizou, pelo contrário, a pressão exercida pelo capital nos diversos campos sociais como na esfera política e os *agentes* (BOURDIEU, 2003) que a compõem, bem como no setor das grandes mídias e demais veículos de comunicação, tem exercido grande movimento a bem de estigmatizar tal ideia. Dessa forma, imaginar a possibilidade de uma associação de classe pautada em criar uma sociedade que contemple a todos nos parece tarefa cada vez mais difícil.

Em Nietzsche, os escritos do sociólogo Touraine nos remetem a uma compreensão ainda menos otimista no que diz respeito a possibilidade de expansão do ser humano tanto em nível individual quanto em conjunto, pois o filósofo tece sua crítica em algo ainda mais intrínseco no que tange ao mundo do pensamento e das ideias. Como o próprio autor coloca sua crítica baseada “tanto aos valores da época moderna, em seus aspectos filosóficos, científicos, artísticos, religiosos e políticos” (ITAPARICA, 2011, p. 02), quanto ao comportamento de massa, tende a se adequar a princípios normatizados sob julgo daqueles que pontua como fracos, e é de se pensar que tais normas limitam a própria condição e capacidade de formar modelos tanto interpretativos quanto de clareza em termos de possibilidade de expansão individual e/ou coletiva, quando um pensamento hegemônico prioriza grupos de poder.

Observando o contexto moderno poderemos perceber, além de outras particularidades, relações humanas pautadas em estímulos que visam acumulação material para o alcance de uma suposta evolução, tanto em nível individual quanto em termos de sociedade. Uma imagem que se pode recortar de tal cenário a partir do pensamento nietzschiano poderia ser, por exemplo, o equívoco claro que tal promessa significa, ou seja, para a vida o acúmulo material não poderia suprir o fundamento da vida.

Ora, se um ser humano ou um determinado grupo parte em busca da acumulação como movimento natural de expansão da vida, vida esta que acontece, segundo Nietzsche, como um *devoir*, notoriamente, atingir o lugar de evolução não poderia, jamais, ser alcançado, pois a vida, em expansão constante, demandaria sempre mais acumulação. Sendo assim, se levarmos em conta o contexto de uma sociedade dividida em esferas de hierarquia social e,

principalmente, econômicas, seria impossível imaginar uma sociedade homogênea. Ou seja, aqueles que acumularam mais, ainda estariam em busca de mais – fluxo de expansão da vida – e aqueles que acumularam menos por se encontrarem limitados nas relações de poder, estariam sempre a margem da vida.

Como seria possível a vida se expandir através desses grupos? Um conflito entre grupos talvez seria inevitável. Se o conflito fosse o desfecho, o resultado só poderia ser, ou a vitória ou a derrota, e em ambos o ciclo não fecha. Em caso de vitória dos que já ocupam lugar de hegemonia, haveria demanda por mais conflito pelos marginalizados, e em caso de vitória dos marginalizados, a ordem se inverteria e em qualquer um dos casos, uma sociedade caminharia, ou em círculo, ou para a aniquilação, longe de um fluxo de mudança à uma sociedade hegemônica. Em termos nietzschianos a aniquilação da espécie não é apresentada, portanto, o filósofo concentrou sua crítica para entender o fluxo da vida sob a perspectiva da validade dos conteúdos racionais produzidos historicamente.

Para o pensador, tudo que se produziu na cultura ocidental em termos de ideia, foi manchada pelo dogmatismo e teve como consequência a produção de uma racionalidade desconectada do corpo. A relação metafísica entre o ser humano e o mundo dos pensamentos e/ou das ideias, construiu modelos imaginários de sociedades no Ocidente que jamais poderiam ser alcançados.

A desconstrução do sujeito moderno, em termos nietzschianos, se baseia, não exclusivamente em seu caráter em si mas, na condição em que este estabelece com a gramática, sobretudo a partir da filosofia cartesiana, no que pauta sua prática afirmada pela ação, ou seja, por aquele que afirma “eu penso”. Tal concepção, segundo Nietzsche, desconsideraria os limites e as particularidades do corpo na experiência da vida. Se atentarmos ao curso histórico, principalmente, a partir do renascimento, em nenhum momento identificamos situações que possibilitassem a construção de um perfil de sujeito fixo. E baseando-se no período mais contemporâneo, tal perfil encontra-se ainda mais distante.

A abordagem freudiana de que tratamos no presente trabalho e que, obviamente não se esgota, também trouxe importantes questões. Questões por muito debatidas, mas que ainda se fazem necessário debater atualmente. Ainda mais em um contexto em que, aparentemente, vemos uma sociedade que não privilegia olhares amplos mesmo diante da complexidade da vida. Talvez estejamos caminhando a este sentido, mas a velocidade em que se ampliam tais

debates não parece atender às necessidades que vêm demandando vários membros de nossa espécie no que tange sua saúde mental.

Abordamos a concepção freudiana (apud TOURAINE, 1998) em alguns aspectos que nos fez refletir a questão em que o pensador coloca em oposição o organismo humano e as formas de organização social. Quando as sociedades se movimentam para criar determinados conjuntos de normas, sejam morais, éticas ou em qualquer instância específica em seu bojo, Freud nos estimula a pensar sobre a relevância da concordância entre a esfera psíquica e a biológica do ser humano que ali atuará. Sendo a esfera psíquica entendida aqui como o conjunto simbólico produzido pela faculdade do pensamento, entendemos que esta, tem sido produzida em grande parte a atender as demandas da sociedade que não é mais que um movimento que visa privilegiar determinados grupos hegemônicos.

Desta forma, se Freud nos diz que o organismo busca satisfazer necessidades para que alcance repouso (leia-se prazer) em um ciclo constante no seu tempo de duração no espaço e o caráter de sua adaptação, qual seria o resultado quando o curso social segrega seres humanos em categorias subalternas, negando-lhes a possibilidade de alcançar tais prazeres? A partir desta pergunta podemos refletir sobre a formulação do Estado hobbesiano que talvez, fosse a gênese teórica que já pretendia proteger a hegemonia de alguns grupos sociais. Alguns exemplos no presente nos direcionam à essa questão, haja vista os grupos que estão contidos, em primeiro plano, no ápice da elite financeira, seguindo pela política e terminando no âmbito jurídico, militar e das forças de segurança pública.

No campo econômico, por exemplo, desde o estabelecimento do capitalismo a concentração de renda tem sido uma realidade, e cada vez mais intensa, sobretudo a partir do advento da globalização e da implementação do neoliberalismo (SANTOS, 2006). Uma das consequências que podemos observar no desenrolar dos processos jurídicos que não atuam da mesma forma na totalidade da sociedade. Grupos menos favorecidos têm sido postos a margem dos benefícios da lei, e para não dizer, quando não são inclusive, vitimados por esta, quando os agentes hegemônicos para defender seus interesses, aparelham os mecanismos e as ferramentas do Estado (BOURDIEU, 2003).

A partir destes questionamentos, pensamos na urgência, tanto da amplitude dos debates, quanto na produção rápida de possíveis entendimentos que possam vislumbrar a convergência da mente e do corpo. Diante de tamanho desafio, continuamos a acumular o que

Freud chamou de *neuroses* que ora ou outra, vem desencadeando um mundo marcado por violência tanto psíquica quanto física. As *pulsões de vida*, segundo Freud, nos empurram para expandir enquanto entes biológicos. As *pulsões de morte* nos conduzem a violência e aniquilação. Sendo assim, pensamos que talvez, antes de viabilizar o mundo de “fora”, deveríamos refletir na possibilidade de criar mecanismos sociais que equilibrem, princípios de prazer e os princípios de realidade.

Em diversos momentos do curso de nossa história, diversos atores se propuseram a pensar em maneiras de organização social que trouxessem um pouco de equilíbrio entre seus membros. Este trabalho, sem ter a pretensão de competir com tamanhos pensadores, se propôs apenas a tarefa de ser mais um mecanismo que visa despertar reflexões nos leitores e, quiçá, no campo das Ciências Humanas. Acreditamos que, pensar a sociedade, envolve adequar os elementos que nela estão contidos, particularmente, na forma em que se encontram e a forma como se movimentam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Lisboa: Fim de Século Edições, 2003.

DARWIN, Charles. **A Origem das Espécies e a Seleção Natural**. Madras Editora, 2011.

EINSTEIN, Albert. Por que o Socialismo? In: **Comunistas**. Disponível em:

<https://ujc.org.br/por-que-socialismo-por-albert-einstein/>

FURTADO, Celso. **O Mito do Desenvolvimento Econômico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

HOBBS, T. **Leviatã**. Tradução: João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

IPARARICA, André Luiz Mota. Crítica à Modernidade e conceito de subjetividade em Nietzsche. In: **Estudos Nietzsche**, vol. 2, n. 1, 2011.

JUNIOR, Wanderley J. Ferreira, Heidegger Leitor de Nietzsche: A Metafísica da Vontade de Potência como Consumação de Metafísica Ocidental. In: **Transformação: revista de filosofia**, 2013, p. 106 e 107.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins fontes, 2001.

MARX, Karl. **O capital**. 3ª ed. São Paulo: Edipro, 2017.

NEWTON, Isaac. **Princípios Matemáticos da Filosofia Natural**, 2ª Edição, Fundação Calouste Gulbenkian, 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2003. (Coleção A obra-prima de cada autor, v. 22).

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos Ídolos**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014.

REVISTA BRASILEIRA DE ENSINO DE FÍSICA, vol. 23, nº. 1, Marco, 2001.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção** / Milton Santos. - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. - (Coleção Milton Santos; 1).

SANTOS, Yara Magalhães dos; SILVA, Sérgio Pereira da. O niilismo nietzschiano como mais uma referência analítica para a compreensão do fenômeno do mal-estar docente. In: **Conjectura: Filosofia e Educação**. Caxias do Sul, v. 19, n. 1, p. 139-156, jan./abr. 2014.

TOURAINÉ, Alain. **Crítica da modernidade**. 5ª ed. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 1998.